

Relatório – PPGLB/FFLCH/USP
Processo de autoavaliação Capes - Aplicação de questionário a egressos

Elaboração: Henrique Balbi e Wagner Gonzaga Lemos

São Paulo, 30 de setembro de 2024.

1. Considerações preliminares

1.1. Descrição e estrutura do relatório

A fim de comunicar, resumir e analisar de modo breve as respostas colhidas via formulário aplicado pelo Google Forms a egressos do PPGLB da FFLCH-USP, no decorrer do processo de autoavaliação exigido pela Capes, este relatório se compõe de quatro partes.

Na **primeira**, estas considerações preliminares, apresentamos uma síntese dos obstáculos antevistos na coleta das informações, conforme discutido pela Comissão responsável e encontrados – ou não – durante as respostas ao formulário. Com isso, pretendemos oferecer uma moldura para melhor compreensão dos dados colhidos, seja daquilo que dizem, seja do que sugerem, seja, ainda, do que não puderam esclarecer.

Na **segunda** parte, apresentamos as questões aplicadas e uma súmula das respostas obtidas. Como estas se dividiam em respostas objetivas e dissertativas (ou abertas), optou-se por diferenciar a sua apresentação: quando objetivas, os gráficos que as reúnem estarão junto da pergunta, logo antes da análise; quando dissertativas, fazemos uma breve descrição dos aspectos mais recorrentes nessas respostas e depois passamos à análise. A íntegra das respostas está disponível ao fim do relatório, em apêndice. Essa decisão buscou tornar mais fluida a leitura do relatório, que poderia ficar truncada caso o texto se interrompesse para uma lista relativamente longa de respostas dissertativas.

Na **terceira** parte, oferecemos uma conclusão mais abrangente a partir das informações colhidas no questionário. Nela, apresentamos as tendências predominantes – positivas e negativas – vistas nas respostas dos egressos, bem como oferecemos algumas sugestões de ação para se lidar com essas mesmas tendências. Uma leitura mais pragmática e orientada a encaminhamentos práticos talvez preferisse começar por aqui.

A **quarta** parte é o apêndice, onde se tem acesso à íntegra das respostas dissertativas colhidas. A ele remetemos quem deseje verificar as incidências específicas apresentadas na segunda parte, ou então tentar extrair outros dados e conclusões pertinentes ao processo que porventura tenham escapado aos autores deste relatório. É algo bem-vindo e até encorajado. Afinal, como em qualquer iniciativa de autoavaliação coletiva, quanto mais contribuições, mais preciso se torna o retrato, e mais embasamento se tem para transformações.

1.2. Particularidade da aplicação do questionário a egressos; seu alcance

Desde as reuniões iniciais da Comissão, observou-se que a parte referente à percepção dos egressos ofereceria desafios específicos – sobretudo, a dificuldade de se alcançar essa fatia dos participantes do PPGLB. As razões específicas para isso são várias, mas podem ser resumidas numa mais geral: o encerramento do vínculo de discente implica uma tendência à dispersão. A isso se acrescentam as vicissitudes do contato por e-mail, que até oferece um canal institucional para a manutenção do contato (Alumni USP), mas ele não tem uma adesão tão ampla nem tão sólida entre egressos.

Com esse desafio em vista, a Comissão pôde providenciar, com o auxílio da Secretaria do DLCV, uma lista de e-mails USP e não USP de cerca de 60 alunos, cujo vínculo com o programa se encerrou recentemente. O envio do formulário foi feito em 26 de agosto de 2024, estipulando como prazo final o dia 9 de setembro de 2024, com um e-mail de lembrete no dia 2 de setembro. Nesse período, foi possível coletar 30 respostas – 50% da amostra, que, vale ressaltar, não correspondia à totalidade dos egressos de anos mais recentes.

A taxa e a quantidade de respostas surpreenderam. Afinal, os egressos não teriam qualquer compromisso *a priori* com esse processo de autoavaliação, ao contrário dos discentes ativos e dos docentes, cujo vínculo em tese facilita a adesão e implica um interesse direto no cumprimento das exigências da Capes.

Apesar disso, é preciso ressaltar que, se as respostas lançam um pouco de luz no estado e no andamento do PPGLB, as zonas de sombra ainda prevalecem. Não só pelos egressos que receberam a mensagem e não responderam, como também por aqueles que não se pôde contatar. Assim como, por outro lado, pelas entrelinhas e silêncios que as respostas efetivamente entregues parecem conter. Neste relatório se tenta, por vezes, levar

em conta essas entrelinhas e silêncios. Mas evidentemente um alcance maior, com mais respostas, significaria um retrato mais nítido para uma autoavaliação mais completa.

2. Questões apresentadas, seus fundamentos, sua análise, suas conclusões preliminares e algumas sugestões

A seguir, percorremos as questões apresentadas, oferecendo sucintamente a razão por que as incluímos. Depois, nos concentramos na análise das respostas e traçamos algumas conclusões preliminares, em geral com algumas soluções.

2.1. Questões do bloco “Identificação (gênero, etnia, PCD)”

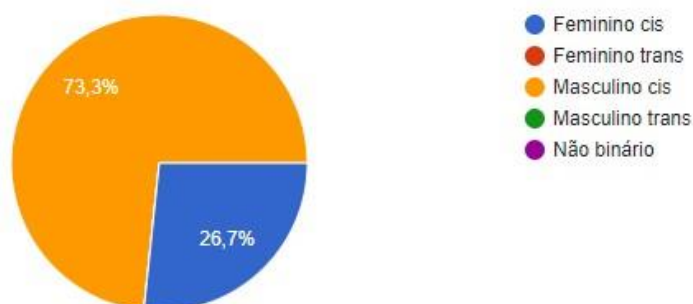
2.1.1. Fundamento das questões

Tendo em vista a dificuldade histórica de vários setores da sociedade brasileira (aí incluídas instituições de vários tipos e perfis, entre elas a universidade) em apresentar uma diversidade no mínimo correspondente à de sua população, optou-se por abrir o questionário com três perguntas que visassem um retrato, ainda que mínimo, do perfil de egressos. A amostra é pequena e os dados não são definitivos, porque poderiam ser complementados por outros, referentes à composição do corpo discente e docente, bem como de funcionários. Mas contribuem nessa direção.

Perguntou-se aos egressos como eles se identificariam, segundo gênero e etnia (conforme definições usadas pelo IBGE) e se se viam como PCD. As respostas foram as seguintes:

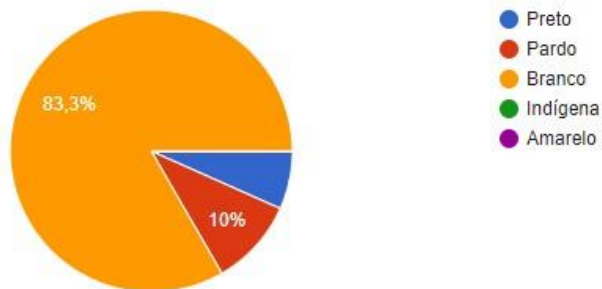
Com qual gênero você se identifica?

30 respostas



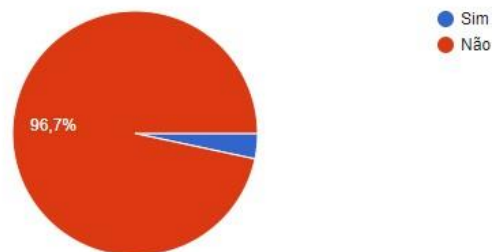
Com qual etnia você se identifica (IBGE)?

30 respostas



Identifica-se como Pessoa com Deficiência (PCD)?

30 respostas



Se sim, e caso queira informá-la de que tipo?

1 resposta

Autismo

2.1.2. Análise

As respostas evidenciam, nitidamente, um perfil predominante de egressos, ao menos de egressos que se pôde alcançar e que responderam ao questionário: masculino (73,3% de homens *versus* 26,7% de mulheres – todos cis); branco (83,3% de brancos *versus* 10% de pardos e 6,7% de pretos); e não identificado como PCD (96,7% – apenas 3,3%, isto é, uma pessoa, se identificou, e como autista). Nesse quadro, chama a atenção a absoluta ausência de pessoas trans, indígenas e amarelas, bem como a baixíssima presença de PCDs.

É de se supor se uma amostragem maior contradiria esses dados. Em caso negativo, isso indicaria uma necessidade de o programa se engajar em iniciativas que promovessem

uma política de diversidade, nas três etapas implicadas num curso de pósgraduação: processo seletivo, permanência no curso e conclusão da pesquisa. Afinal, a pouca diversidade observada entre egressos pode ser atribuída a obstáculos em qualquer uma dessas etapas, se não em todas.

2.1.3. Conclusão preliminar e sugestões

Se confirmada a dificuldade do programa em promover uma política de diversidade junto a seus membros, seria o caso de analisar quais os principais obstáculos. A contribuição de discentes ativos poderia ser muito valiosa nesse sentido, em especial na etapa de permanência no curso e conclusão da pesquisa, por meio da constituição de grupos dedicados à pauta, por exemplo, que o programa faria bem em apoiar. A implementação de ações afirmativas no processo seletivo poderia atenuar a discrepância de perfis que um dado simples como este dos egressos sugere.

2.2. Questões do bloco “Nível de participação no PPGLB”

2.2.1. Fundamento das questões

Como se trata de um programa de pós-graduação que oferece mestrado e doutorado, julgou-se necessário incluir uma pergunta para aferir a quantidade de egressos de cada nível, em parte pelo mesmo objetivo de identificar o perfil de egressos do programa. A princípio, as respostas se apresentaram no seguinte gráfico:



No entanto, esse gráfico inicial não apresenta uma divisão importante: há alunos que fizeram *apenas* o mestrado, *apenas* o doutorado ou ambos no PPGLB. O formulário oferecia essa discriminação, portanto aquele gráfico deve ser complementado por estes números:



2.2.2. Análise

Como se pode observar, houve uma predominância de egressos do mestrado na resposta ao questionário, correspondendo a pouco mais que a metade dos participantes. Já egressos de doutorado compuseram quase um terço do total de respostas, ficando portanto em um sexto a fração de egressos que fizeram mestrado e doutorado no programa.

A proporção parece se alinhar com a expectativa prévia, quase de senso comum. Até pelos desafios intrínsecos a cada nível de pós-graduação e pelo grau de compromisso exigido em cada um, o mestrado tende ter mais alunos que o doutorado. Da mesma forma, considerando que o programa pode atrair alunos de outros programas de pós-graduação, bem como ter parte de seus egressos buscando outros horizontes e áreas de pesquisa, faz sentido que a menor fatia seja a de egressos de ambos os níveis.

No entanto, esse dado também pode trazer consigo alguns questionamentos importantes. Houve respostas (mais adiante no questionário) que indicaram desejo desses egressos do mestrado em retornar ao programa; outras, o de se afastar dele. O PPGLB deve estar atento para, se possível, atrair e manter consigo egressos de mestrado que planejam um doutorado.

Da mesma forma, a quantidade relativamente baixa de alunos que responderam ao questionário e percorreram os dois níveis de pós-graduação junto ao programa pode indicar obstáculos entre um e outro. Isso se deve a fatores pessoais, por exemplo a mudança de objeto de pesquisa, ou a questões do programa, como a orientação, o acesso a materiais, a recepção da pesquisa junto a colegas?

2.2.3. Conclusão preliminar e sugestões

Embora dentro do esperado quando se considera a pós-graduação de forma mais genérica, essas informações merecem um autoquestionamento mais focado por parte do programa. Este relatório voltará a alguns desses aspectos mais adiante, quando tratar das respostas dissertativas. Por ora, então, sem sugestões.

2.3. Questões do bloco “Situação atual”

2.3.1. Fundamento das questões

A tendência quase intrínseca à dispersão, no grupo dos egressos, demanda por si só uma pergunta que contribua para uma ideia, por mais genérica, da trajetória posterior dessas pessoas. Munido dessas informações, o programa poderia ter uma noção de seu impacto e, se for o caso, reavaliar suas práticas.

Assim, projetou-se uma série de quatro perguntas. A primeira tratava do desejo do egresso em continuar na vida acadêmica. Em seguida, pediu-se uma descrição da atividade atual da pessoa, em formato dissertativo, de modo que não se direcionasse a resposta. Depois, o egresso era convidado a avaliar a relevância de sua formação e titulação pelo PPGLB para a sua atividade atual. Na última pergunta, também em formato dissertativo, havia um espaço para a pessoa escrever por que considerava relevante a formação e titulação.

2.3.2.1. Respostas às perguntas objetivas



2.3.2.2. Síntese das respostas às questões dissertativas ou abertas

Na **segunda** pergunta (“Como você descreveria a sua atividade atual?”), a primeira dissertativa ou aberta, percebe-se uma prevalência de dois tipos de atividade: a docência em variados níveis de ensino; e trabalhos ligados ao mercado editorial ou a outros setores da comunicação. Há algumas sobreposições, em especial de pessoas que estão exercendo alguma atividade profissional e ao mesmo tempo se preparando para ou desenvolvendo um trabalho de pesquisa; neste caso, na contagem a seguir foram considerados pela atividade profissional mencionada.

Foram 16 respostas mencionando prioritariamente a docência, ou seja, mais da metade, e elas se dividem de modo semelhante entre nível básico (cerca de 7

respostas) e nível superior (também 7 respostas), com outras duas não o especificando.

Em seguida, vêm as respostas referentes ao mercado editorial e outros setores da comunicação, correspondendo a 7 respostas, divididas por várias atividades – desde produtor editorial a jornalista, incluindo aí escritores, poetas, revisores etc. Na verdade, essa taxa de respostas poderia oscilar para cima, chegando até 8, pois houve quem se descrevesse como “trabalhador autônomo de letras” – que pode ou não ser contemplado por essa categoria.

As outras 7 respostas que não se encaixaram nitidamente nas duas anteriores foram agrupadas aqui nesta seção como “Outros”. Neste grupo, predomina uma dedicação aparentemente exclusiva aos estudos, com 3 respostas. Logo em seguida, há 2 respostas que não especificam de modo algum o trabalho realizado e uma resposta que aponta uma mudança substancial de área, dos estudos literários para a engenharia de software.

Para sintetizar as respostas à **quarta** pergunta (“Por que [você considera com essa relevância a sua formação e titulação para a atividade que exerce hoje?]”), podemos identificar algumas tendências recorrentes. Em particular, duas: a formação/titulação como *condição* para a atividade atual ou a desejada no futuro, ou como *crescimento* intelectual e, conseqüentemente, qualificação na atividade, qualquer que seja ela. Uma tendência não exclui a outra, ao menos não em tese, mas a sobreposição entre elas não foi muito prevalente. Com variados níveis de detalhamento e afetuosidade na descrição da experiência no PPGLB, as respostas oscilam entre o polo da obrigatoriedade e da não obrigatoriedade, entre ser necessário e ser desejável.

2.3.3. Análise

Considerando a **primeira** pergunta (“Você continua ou pretende continuar na vida acadêmica?”), percebe-se que a maioria das respostas (66,7% ou vinte respostas) confirma o projeto de seguir um caminho dedicado à pesquisa, ao ensino e à extensão no âmbito do ensino superior. Em parte, trata-se de um dado evidente: o mero ato de responder ao questionário já sugere uma disposição a manter os compromissos com esse universo profissional. É de se supor que a pequena porcentagem de “não” (6,7% ou duas respostas)

representa apenas uma ponta dessa parcela de egressos que optaram por não dar continuidade à sua vida acadêmica e que, coerentemente, não separariam tempo e atenção para responder ao questionário.

Chama a atenção, portanto, a parcela de indecisos (26,7% ou oito respostas), pouco mais que um quarto dos participantes. É um teor relativamente alto, impressão que não depende tanto do nível de mestrado ou doutorado. Pode ser uma maioria que teve seu projeto acadêmico abalado depois do contato inicial durante a dissertação. Ou então seria uma maioria que fez todo o percurso até a tese para daí se dar conta das dificuldades de colocação ou do aproveitamento do saber específico adquirido. Em ambos os casos, e em outros, isso deve levar o programa a refletir sobre a formação oferecida e os destinos por ela propiciados aos seus egressos.

Já no caso da **segunda** pergunta (“Como você descreveria sua atividade atual?”), está dentro do esperado que a maior parte de quem respondeu se mantenha, de um modo ou de outro, próximo das atividades exercidas pelo ou no entorno do meio acadêmico: docência e trabalho com o texto, de modo mais amplo. O dado sensível nesse caso está na quantidade expressiva de respostas (cerca de um quarto) deslocadas dessas atividades, seja por se situarem entre projetos, seja por terem se afastado, seja, principalmente, por aparentemente não terem se inserido em alguma atividade profissional relacionada. Aqui entra o tal silêncio da fonte: algumas pessoas mencionaram apenas que estão trabalhando, sem especificar no quê, o que pode sugerir alguma forma de constrangimento por não estar na mesma área a que se dedicou em nível de pós-graduação.

Quando se analisa o conjunto de respostas à **terceira** pergunta (“Quão relevante você considera sua formação e titulação para a atividade que exerce hoje?”), nota-se um contraponto em relação à pergunta anterior: com a exceção de uma resposta, todas as outras consideram a formação/titulação no mínimo medianamente relevante, com uma maioria substancial (63,3% ou 19 respostas) marcando o nível máximo de relevância. É um dado positivo, embora também se possa relativizá-lo, como se fosse uma espécie de compensação psicológica pelo investimento de tempo, energia e esforços na pósgraduação.

A **quarta** pergunta (“Por que [você considera com essa relevância a sua formação e titulação para a atividade que exerce hoje]?”), por sua vez, contextualiza de outra forma as respostas da terceira. Percebe-se uma incidência significativa de egressos para quem a pós-graduação é uma ferramenta de aprimoramento na sua formação, com possíveis ganhos para a sua atividade profissional ou formação pessoal, mas não necessariamente com um

vínculo obrigatório, como seria de se esperar para quem pretende seguir no âmbito universitário, onde a titulação é pré-requisito. Para além da colocação de egressos no mercado de trabalho intelectual – em si uma questão ampla e problemática, dada a discrepância entre a formação de pós-graduandos e a demanda de vagas nas universidades –, a incidência de tantas respostas que veem na pós-graduação mais um *bônus* que um *pré-requisito* pode levar o programa a reconsiderar o tipo de disciplinas oferecidas, os hábitos de orientação e mesmo os objetos de estudo.

2.3.4. Conclusão preliminar e sugestões

O conjunto das respostas, com variadas atividades profissionais e diversos graus de compromisso com a pós-graduação em *stricto sensu*, aponta para a necessidade de o programa refletir, discutir e talvez se debruçar sobre a diversificação de perfis e atividades. Trata-se de um desafio importante, pois aponta para uma contradição do próprio ambiente acadêmico: de um lado, pressões para uma especialização cada vez maior; de outro, entraves de várias ordens na absorção desses profissionais especializados e, ao mesmo tempo, pressão pela diversificação nas habilidades exigidas para inserção profissional. As respostas de egressos apontam para uma realidade: mesmo que tenham entrado na pósgraduação visando à carreira acadêmica a mais ortodoxa possível, não necessariamente é isso que encontram ao final desse percurso. Isso se confirma até mesmo naqueles que exercem a docência, nem sempre na área específica de Literatura Brasileira, e ainda assim com frequência não no nível superior.

Pode-se sugerir dois caminhos. Um deles aponta para a necessidade de diversificar a formação de discentes durante o curso de pós-graduação, para o que valeria pensar, por exemplo, no estímulo a pesquisas e disciplinas onde se trabalhassem habilidades muito variadas: consultas a arquivos, formulação de atividades práticas ligadas ao objeto de estudo, contato com a comunidade externa à universidade, etc. Outro caminho seria a reaproximação de egressos ao programa, por exemplo na forma de atividades pontuais (minicursos, palestras, oficinas etc) ou continuadas (grupos de estudo e pesquisa formalizados no Diretorio do CNPq), o que permitiria uma troca com os discentes – e, por consequência, uma consciência maior dos desdobramentos imediatamente posteriores à conclusão da pesquisa. Mais respostas de egressos neste questionário apontam nessa direção, a que se voltará mais adiante.

2.4. Questões do bloco “Durante a passagem pelo PPGLB”

2.4.1. Fundamento das questões

Feita a identificação do egresso e esboçada a sua situação atual, chegou-se ao núcleo vivo do questionário: a avaliação retrospectiva do programa, com a vantagem de um olhar completo para o processo. Se o questionário de discentes ativos oferece uma perspectiva situada, em curso, simultânea, do PPGLB, a grande contribuição dos egressos sem dúvida estaria numa visada que potencialmente abarca o programa como um todo, já com algum distanciamento no seu ponto de vista. Assim, a elaboração do questionário separou desde o início uma pergunta sobre os pontos fortes do PPGLB e outra sobre os pontos fracos. Ambas abertas, dissertativas, para induzir o mínimo possível as respostas.

O acréscimo importante aqui foi a pergunta sobre alguma interrupção durante o curso. Optou-se por inseri-la porque durante a discussão se identificou uma lacuna: como esboçar, ainda que indiretamente, as razões pelas quais discentes abandonariam a pósgraduação? O questionário dos discentes ativos, por definição, não as abarcaria; o dos egressos, por sua vez, tende a alcançar – como se disse – os que concluíram satisfatoriamente o curso e mantêm algum interesse por ele, a ponto de responder o questionário. Dadas as limitações, pareceu-nos que uma estratégia possível seria consultar esses mesmos egressos sobre alguma interrupção no curso deles. Com sorte, seria possível esboçar não só possíveis motivos para ela, extrapoláveis para discentes que chegaram a abandonar o curso, como também iniciativas responsáveis por ajudar na conclusão do curso apesar de interrupções. Motivos dos problemas, pistas das soluções.

Houve uma discussão sobre onde colocar essa pergunta sobre a interrupção. A princípio se cogitou que ela seguisse a consulta sobre o nível de participação no PPGLB (mestrado, doutorado ou ambos), o que talvez fosse mais linear e previsível. No entanto, decidiu-se por aproximá-la das perguntas sobre pontos fortes e fracos para assim, talvez inconscientemente, ajudar na recuperação desses mesmos pontos – o esforço por rememorar as causas da interrupção e da retomada contribuiria para que recuperassem aspectos positivos e negativos do programa.

2.4.1.1. Respostas à pergunta objetiva



2.4.1.2. Síntese das respostas às questões dissertativas ou abertas

Na **segunda** pergunta (“Se sim [se houve alguma interrupção durante sua pós-graduação], e caso queira explicá-la, o que houve?”), o impacto mais nítido e inteiramente justificável foi da condição excepcional que se abateu sobre todo o planeta nos anos mais recentes: a pandemia de Covid-19 e suas consequências. Isso não poderia deixar de afetar os discentes, e se comprovou nas respostas dos egressos, que apontaram a pandemia como um fator de interrupção na pesquisa.

Além da pandemia, outros três motivos foram apresentados: uma licença maternidade, problemas de saúde física, e problemas de saúde mental, com um destaque específico para um “colapso mental por ansiedade”.

Quanto à **terceira** pergunta (“Quais lhe pareceram os pontos **fortes** do PPGLB?”), pode-se afirmar que egressos encaram de modo muito positivo os seguintes componentes do programa: os docentes, os discentes e os funcionários do departamento. No caso dos docentes, reiterou-se principalmente a sua excelência acadêmica, a sua projeção nos seus campos de pesquisa, a revista pela qual são responsáveis (*Teresa*) e a diversidade de linhas de pesquisa. No caso dos discentes, apareceram repetidas vezes elogios à revista (*Opiniões*) e a eventos organizados,

como o seminário anual. No caso dos funcionários, a agilidade e a disponibilidade foram vistos como pontos positivos. Para além dos recursos humanos do programa, e descontando-se pontos fortes que não lhe são próprios (como a biblioteca e outras estruturas, pertencentes à faculdade), o PPGLB recebeu elogios pelas suas disciplinas, ora vistas como de boa qualidade, ora como proporcionais ao esperado para um discente de pós-graduação.

Já a **quarta** pergunta (“Quais lhe pareceram os pontos **fracos** do PPGLB?”) apontou problemas em muitos desses mesmos âmbitos e em outros ainda: docentes, discentes, processo seletivo e aspectos gerais. Quanto aos docentes, foram apontados como pontos negativos a pouca interação com outros docentes e discentes; a pouca diversidade no seu perfil; problemas na relação com orientandos, incluindo falta de dedicação aos orientandos e até uma acusação de assédio moral; e principalmente a escassez de grupos de pesquisa formalizados. No caso dos discentes, também mencionaram a falta de diversidade e a pouca interação, seja entre discentes, seja com os docentes. As disciplinas, por sua vez, foram alvos de críticas por serem poucas e não muito variadas, às vezes desorganizadas, às vezes com uma discrepância na qualidade das aulas que as compõem; houve uma menção à ausência de disciplinas voltadas para a elaboração de projetos. Sobre o processo seletivo, criticou-se a baixa quantidade de vagas e a pouca diversidade. Houve uma menção direta à situação dos egressos, que não viam iniciativas estimulando a manutenção de seus vínculos com o programa. Por fim, também houve críticas mais gerais: dificuldades colocadas a discentes que conciliam trabalho e pós-graduação (disciplinas apenas no período da tarde, por exemplo); pouca interação com outros cursos, unidades e mesmo universidades; poucos eventos promovidos pelo programa; a descontinuidade e/ou instabilidade de projetos de longo prazo; falta de transparência; “acervo bibliográfico”; e um “ambiente tóxico”.

2.4.2. Análise

A prevalência de respostas negativas para interrupções durante a pós-graduação (76,7%) indica um estado relativamente funcional na condução dos cursos, o que é o esperado. Mas se destaca a incidência significativa de interrupções (23,3%), e entre elas, ainda mais os motivos. Dado o caráter global do impacto da pandemia, sua presença era

esperada nas respostas; nesse sentido, deve-se destacar a importância da prorrogação de prazos para evitar interrupções definitivas da pós-graduação. Se a pandemia foi uma catástrofe cujas causas e soluções estavam inteiramente fora do alcance do programa; e se questões de foro íntimo – como a licença-maternidade e o adoecimento físico – também escapam de sua alçada; talvez não se possa dizer o mesmo do terceiro motivo apresentado: o impacto sobre a saúde mental. Ele com certeza não se deve exclusivamente ao PPGLB, mas a sua incidência aqui precisa ser levada a sério, ainda mais porque isso foi um ponto reiterado nas respostas dissertativas de outros campos do questionário.

Em relação aos pontos **fortes**, percebe-se uma valorização sobretudo dos recursos humanos do programa, nas várias posições em que se encontram: docentes, discentes, funcionários. Mas não deve passar despercebido que, para além de qualidades e qualificações específicas, tal valorização se dá – ou se faz perceber – em instâncias de colaboração entre essas pessoas: as revistas acadêmicas, os eventos, as disciplinas. Ou seja: para os egressos consultados, é nessas circunstâncias de diálogo, troca, colaboração e trabalho conjunto que o programa evidenciaria seus pontos fortes.

Não à toa, quando se olha para os pontos **fracos** apontados, as críticas e problemas giram em torno das mesmas referências, agora vistas pelo seu ângulo negativo: a falta de integração e interação entre os componentes do programa é um dado reiterado, manifestando-se em diversas relações: interação docente-docente; docente-discente; discente-discente; programa-outras instâncias USP ou não-USP etc. Seria possível compreender por essa ótica até mesmo um ponto fraco genérico como “ambiente tóxico”, que envolve dinâmicas problemáticas de poder, mas também deterioração nas relações entre os membros do PPGLB. De todo modo, parece que a maior parte dos pontos fracos apontados entra nesse problema do senso de coletivo, do estabelecimento de redes, da integração dos componentes do programa (vide a menção a grupos de estudo também). A esse problema do senso coletivo se poderia acrescentar mais dois eixos: a falta de diversidade (problema transversal, pois enfeixa desde a composição do corpo docente até o processo seletivo de discentes) e, relacionado aos outros dois, o problema da manutenção de projetos de longo prazo – entre os quais se poderia mencionar, precisamente, iniciativas que exigem um esforço continuado, sustentado, como medidas que visem a ampliar a diversidade ou a promover uma integração mais eficiente entre o programa e outros departamentos, unidades, faculdades e universidades.

Buscou-se extrair dessa análise de pontos fortes e fracos alguns fatores subjacentes, em parte para evitar que houvesse uma espécie de soma zero, de neutralidade, nas menções positivas e negativas ao mesmo âmbito, como se mencionarem as disciplinas em um e em outro campo, por exemplo, significasse que tudo corre regularmente. Também seria preciso pensar que muitos dos fatores positivos e negativos se explicam por dinâmicas mais amplas, que ultrapassam o PPGLB para tocar na pós-graduação como um todo: a atomização de seus participantes, a dificuldade de se estruturar um programa que contemple tanto a dedicação exclusiva à pesquisa quanto a divisão entre ela e um trabalho externo, os obstáculos para a diversidade no ensino superior, a falta de bolsas e de outros recursos para estimular a permanência no programa. No entanto, essa contextualização não deve impedir que se perceba como variáveis mais amplas ganham uma expressão específica nas práticas do PPGLB.

2.4.3. Conclusão preliminar e sugestões

A julgar pelo que os egressos levantaram no questionário, o programa tem bastante espaço para iniciativas que, simultaneamente, aproveitem seus pontos fortes para lidar com seus pontos fracos. No caso da dificuldade de integração entre os diversos componentes do PPGLB, por exemplo, já existem projetos que funcionam como articuladores de seus membros, vide as revistas *Teresa* e *Opiniões* (talvez se pudesse mencionar também a *Machado de Assis em linha*), além dos seminários. Valeria a pena fortalecê-los, sobretudo por vias institucionais. Na mesma linha de ação, seria o caso de formalizar grupos de estudo porventura já existentes, assim como estimular a constituição de outros grupos, de preferência não centralizados em apenas um docente. Outra iniciativa, ainda, seria aproveitar a sugestão de um egresso, que mencionou a possibilidade de uma disciplina dedicada à elaboração de projetos – ela poderia ser obrigatória para os ingressantes de mestrado, que assim conheceriam mais as pesquisas uns dos outros e, indiretamente, colocariam docentes em contato mais estreito, se surgisse a chance de colaboração direta. Seria pouco para reverter a tendência generalizada da atomização dos estudantes (e dos professores) na pós-graduação, mas seria alguma coisa.

Quanto à questão da diversidade, o programa poderia pensar em estabelecer no processo seletivo algum tipo de ação afirmativa, estimulando assim candidatos de perfis diferentes daquele identificado nas primeiras perguntas deste questionário. Evidentemente,

isso exigiria uma atenção continuada do programa para a permanência e o melhor aproveitamento da pós-graduação por esses alunos. A experiência de iniciativas similares na graduação pode ajudar o PPGLB nesse quesito.

Mais sensível, mas nem de longe menos importante, é a questão do “ambiente tóxico” e da atenção à saúde mental. Nesse sentido, como se trata de um problema generalizado no ambiente universitário, o PPGLB poderia reforçar as diretrizes da USP, informando e encaminhando os alunos aos respectivos canais institucionais que auxiliam no trato com o sofrimento psíquico. No âmbito mais específico de ações conduzidas pelo PPGLB, duas possibilidades não excludentes podem ajudar: reforçar as iniciativas já mencionadas para maior integração entre os alunos, de modo a criar uma rede de apoio entre eles, sem passar por orientadores (no caso de o atrito entre orientador e orientando ser fonte de sofrimento); e rever os processos administrativos e burocráticos que acrescentem dificuldades práticas a uma experiência já complicada, como desentendimentos entre docentes e discentes, por exemplo na definição de orientadores.

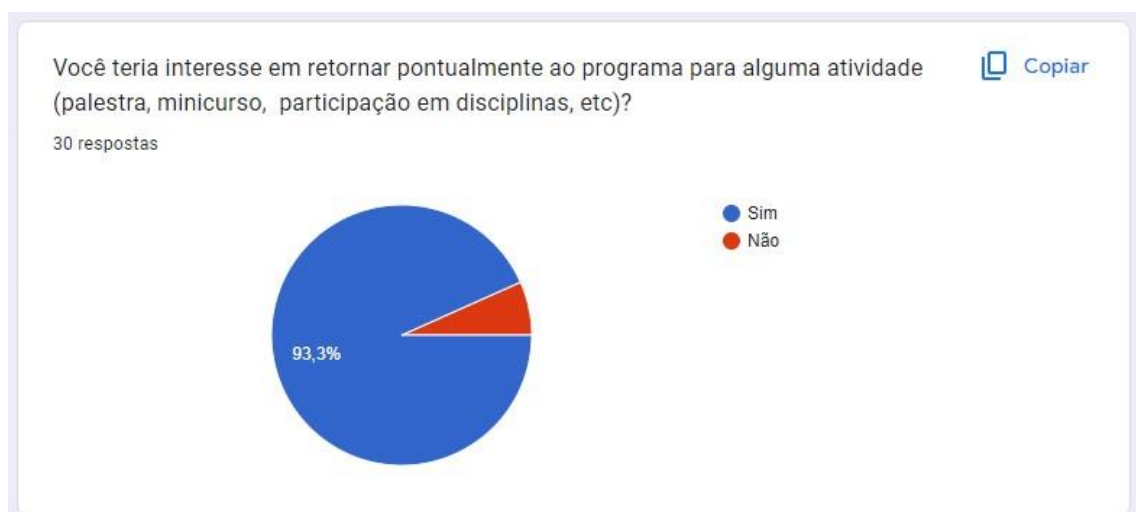
2.5. Questões do bloco “Trajetória posterior ao PPGLB”

2.5.1. Fundamento das questões

Retomando de certo modo as perguntas sobre a situação atual, este bloco tinha como objetivo principal ter uma noção de duas informações principais: os desdobramentos das pesquisas conduzidas no PPGLB e o interesse de egressos em retornar ao programa – o que poderia se converter em um desdobramento também.



Transcreve-se, a seguir, as respostas que não apareceram na íntegra na imagem: “participação em eventos acadêmicos”; “por enquanto basicamente a titulação e os conhecimentos desenvolvidos utilizados na minha prática docente”; “participação em eventos não acadêmicos”; “ainda muito recente, então os desdobramentos ainda acontecerão”; “segundo doutorado; capítulo de livro”; “ainda preciso entregar a versão final e revisada da dissertação para, então, escrever o artigo, participar do seminário e seguir com o projeto do doutorado, buscando assim os outros itens da lista acima citada”.



2.5.2. Análise

As respostas colhidas na **primeira** pergunta apontam para uma tendência positiva de se dar prosseguimento aos resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito do PPGLB, nos mais variados formatos, com predominância para artigos e participações em eventos acadêmicos, seguidos por palestras, cursos, conferências e livros. Como uma produção diretamente vinculada ao programa, ela deve ser acompanhada de perto para servir de base na relação com agências de fomento à pesquisa e de aperfeiçoamento acadêmico. Daí uma pergunta: o programa está ciente dessa produção? Tem mecanismos de busca, de acompanhamento, de monitoramento das produções de seus egressos mais recentes? Se sim, esses mecanismos estão sob a responsabilidade de quem? Dos funcionários, dos docentes?

Já a **segunda** pergunta demonstra uma posição inequívoca dos egressos que responderam: a maioria está disposta a retornar de algum modo para o programa, mesmo que pontualmente. Apenas duas respostas (6,7%) foram negativas. Evidentemente, há um viés a ser considerado: quem se dedicou ao questionário tende a manter alguma forma de ligação (no mínimo, afetiva) com o programa, então não surpreende essa maioria. De todo modo, isso não altera a disposição ao retorno por uma parcela expressiva desses egressos. A seu modo, esse dado também gera uma pergunta: qual seria a melhor maneira de o programa aproveitar essa disposição?

2.5.3. Conclusão preliminar e sugestões

As respostas a essas duas últimas questões direcionadas indicam que, mesmo encerrado o vínculo formal com o PPGLB, egressos mantêm algum tipo de interesse na pesquisa e no programa. De outra forma, nem se esforçariam para produzir desdobramentos de suas dissertações ou teses, nem se disporiam a retornos pontuais. Isso sugere que há um potencial inexplorado nessa parcela de membros (no caso, ex-membros) do PPGLB, cuja alocação em determinadas atividades poderia ajudar o programa a lidar com os pontos fracos apontados neste e em outros relatórios.

Uma sugestão seria estabelecer ou então reforçar os mecanismos ligados à manutenção de algum tipo de diálogo, acompanhamento, monitoramento e atenção a egressos do PPGLB. A continuidade desse contato poderia render benefícios mútuos, tanto para o programa, que desafogaria algumas demandas, quanto para os egressos, que se envolveriam em atividades de um programa prestigiado e já conhecido por eles. No entanto,

para isso seria crucial ter uma noção precisa desse conjunto de egressos, sempre cambiante e em perene transformação, tarefa que exigiria portanto dedicação continuada.

2.6. Questão do bloco “Campo aberto”

2.6.1. Fundamento das questões

Como de praxe, incluiu-se ao final um espaço para que cada egresso abordasse questões não previstas pelo relatório, permitindo uma diversificação dos temas importantes para esse grupo.

2.6.1.1. Síntese das respostas à questão dissertativa ou aberta

O conjunto das respostas se organizou segundo ao menos quatro tendências: agradecimentos efusivos; críticas a aspectos que fogem do âmbito exclusivo ou mesmo pertinente ao programa; sugestões concretas; e retomada de problemas apontados ao longo do questionário. A primeira e a segunda tendências podem ser observadas no apêndice com a íntegra das respostas, das quais destacaríamos, como exemplo da segunda tendência, o apontamento de uma falta de mais bolsas para pós-graduandos, algo que não compete exatamente ao programa. Serão resumidas, portanto, a terceira e a quarta tendência, começando por esta.

A retomada dos problemas apontados ao longo do questionário se apoia em dois aspectos: as dificuldades de integração entre docentes e discentes (por exemplo, nas tensões orientador-orientando ou no escasso convívio entre discentes); e a importância da atenção ao sofrimento mental provocado ou intensificado por um processo estressante como a pós-graduação. Menos frequentemente, também se apontou a necessidade de uma iniciativa visando o retorno de egressos para atividades.

Por fim, houve as sugestões pontuais, que também abordam os mesmos problemas, mas de um ângulo prático. Foram sugeridos: diretrizes básicas para manter a regularidade na comunicação orientador-orientando; oferecimento de auxílio psicológico para docentes e discentes; criação de um programa de retorno dos egressos; convite a pós-graduandos para ministrar aulas na graduação; e leituras em grupo em voz alta entre discentes.

2.6.2. Análise

Dada a natureza mais aberta, que ora tende à dispersão, ora à variedade, desta pergunta em campo aberto, o conjunto de respostas apresenta como principal valor uma espécie de efeito de ênfase, de direcionamento do foco: a repetição de temas e problemas sinaliza sua importância e, talvez, a insuficiência das perguntas anteriores em dar espaço correspondente à importância desses assuntos, na perspectiva dos egressos. Assim, levouse em conta essa repetição na hora de formular a conclusão geral.

De modo similar, mas pela ótica mais voltada para encaminhamentos concretos, as sugestões pontuais podem ser uma forma de abordar os problemas mencionados nas outras perguntas, com a vantagem de oferecer uma perspectiva relativamente externa, mas de quem conheceu o programa por dentro. Também foram aproveitadas para a conclusão geral.

Destaca-se, por outro lado, a quantidade relativamente baixa de respostas (12, isto é, menos da metade dos participantes), compensada, porém, pela extensão relativamente alta de cada uma, com algumas exceções. Somando-se isso à efusão emocional de algumas respostas, seja de modo afetuoso, seja de modo crítico, pode-se inferir que o questionário serviu como um espaço de devolutiva, de expressão pessoal, talvez até consciente ou inconscientemente de canal de comunicação com o programa – hipótese segundo a qual se reforçaria a falta de espaços de contato com egressos, que viram neste questionário uma oportunidade de lidar com essa distância.

2.6.3. Conclusão preliminar e sugestões

A pergunta de campo aberto não contrariou as tendências observadas ao longo do questionário e serviu como espaço para adição de sugestões – algumas mais pertinentes ao programa e mais factíveis, outras menos. Sublinhou tendências, reforçou observações. Dada a proximidade à penúltima seção deste relatório – a conclusão geral, logo a seguir – optou-se por incorporar as sugestões preliminares à parte seguinte.

3. Conclusão geral

Considerado como um todo, o questionário apontou para quatro eixos problemáticos: **diversidade, saúde mental, integração e relação com egressos**. Conforme observação anterior, alguns deles se ligam a tensões mais amplas na pós-graduação e até na sociedade brasileira como um todo, ultrapassando o âmbito do programa, mas de qualquer modo encontram expressões específicas no PPGLB, a que se deve estar atento. Outros parecem mais específicos ao programa, embora com certeza não exclusivos dele.

No caso da **diversidade**, a sua falta pôde ser observada na identificação dos egressos que responderam ao questionário, predominantemente homens, brancos e não PCD. A mesma falta de diversidade chegou a ser mencionada em relação ao corpo docente. E, embora as perguntas não tratassem diretamente de marcadores de classe, que também entrariam na consideração dessa diversidade, algumas respostas apontaram para um “elitismo da faculdade” e para a exclusividade de matérias vespertinas como elementos problemáticos. Como **sugestão**, o programa deve pensar em iniciativas que possam atenuar ou mesmo reverter a situação atual de diversidade no seu interior; por exemplo, ações afirmativas no processo seletivo ou apoio a grupos de discentes voltados para essa pauta.

No caso da **saúde mental**, houve menções pontuais no início do questionário, que se intensificaram conforme se chegou a respostas dissertativas, a perguntas abertas. Expressou-se de modo direto o impacto da pós-graduação na ansiedade de egressos quando ainda estavam no programa. Para isso teriam contribuído atritos com orientadores, chegando-se a utilizar termos como “assédio moral”, e a relativa atomização nas relações discentes-discentes, discentes-docentes e docentes-docentes. É de se supor que, de modo indireto, a questão da diversidade também possa entrar como variável nesse sofrimento. As **sugestões** passam por auxílio psicológico a membros do programa, o que talvez escape ao seu âmbito, mas pode ser pensado conjuntamente com outros setores da universidade. De qualquer modo, a atomização foi apontada como fator para sofrimento psíquico, o que leva ao terceiro eixo problemático.

A dificuldade de **integração** entre os variados membros do programa (sobretudo docentes e discentes) talvez seja o principal aspecto comum na maioria das respostas ao questionário. Na percepção dos egressos, há iniciativas que favorecem o estabelecimento de ligações entre os membros, a exemplo das revistas acadêmicas e dos seminários; funcionam no entanto como exceções num ambiente em que predominaria o distanciamento, a falta de colaboração, aquela mesma atomização e às vezes até

antagonismos e hostilidades. No limite, isso deterioraria e chegaria a rupturas, como as mencionadas entre orientadores e orientandos. Se por vezes chega a esse ponto dramático, a dificuldade de integração estaria muito mais na condução de atividades prosaicas, como as disciplinas – elogiadas pela sua seriedade, mas também criticadas por sua inconsistência. Da mesma forma, a baixa adesão a eventos acadêmicos colabora para essa falta de integração, que se expressa talvez de modo mais agudo em menções ao desconhecimento ou à dificuldade de discentes conhecerem as pesquisas uns dos outros, e talvez até de outros docentes. Isso cria obstáculos diretos para a formação de coletividades mais transversais, como grupos de estudo, e com certeza contribui para questões de ansiedade e problemas de saúde mental. Algumas **sugestões** poderiam ser: a criação de uma disciplina de projetos no início da pós-graduação, talvez obrigatória para alunos de mestrado; formalização dos grupos de estudo existentes e estímulo a novos grupos; reaproximação de egressos aos discentes ativos para se constituir um diálogo não só entre diferentes tipos de pesquisa, como em diferentes momentos de formação.

Por fim, a **relação com egressos** se mostra um eixo problemático pela aparente inexistência de ações – a julgar pela percepção de quem respondeu o questionário – que possibilitem alguma forma de retorno ou manutenção da ligação com o programa. Embora haja quem tenha mudado totalmente de área profissional ou, de modo mais modesto, de objeto de pesquisa, a grande maioria das respostas aponta para a permanência de alguma ligação com a sua pesquisa, assim como para uma disposição em retornar de forma pontual ao programa, por exemplo em atividades, minicursos, palestras, etc. Infere-se, assim, um potencial inexplorado pelo PPGLB, que poderia ajudá-lo a se desafogar de algumas demandas ou, talvez de modo mais factível, encaminhar alguns dos problemas apontados no questionário. Sobretudo no âmbito da integração. **Sugere-se**, por exemplo, que, caso se crie a disciplina de projetos, os egressos possam participar na análise e na discussão com os discentes recém-aprovados; egressos poderiam ser convidados para ministrar algumas aulas em disciplinas, ou oferecer minicursos, palestras, atividades acadêmicas que contemplem objetos de pesquisa fora da alçada dos docentes; egressos poderiam ajudar a constituir e a dar continuidade a grupos de estudos e pesquisa com foco transversal, em grandes temas de pesquisa; ou outras iniciativas colocadas ao longo das seções de “conclusões preliminares e sugestões” neste relatório. Pelo que se observou no relatório do questionário conduzido pelos discentes, também haveria a possibilidade de egressos conduzirem as oficinas e workshops sobre a importância da publicação científica para

discentes. Além disso, dado que vários egressos se incorporaram a outras faculdades e universidades, eles também poderiam ser pontes, elos, conexões do PPGLB com essas outras instituições universitárias – afinal, um relativo isolamento do programa foi mencionado tanto nas respostas a este questionário quanto ao dos discentes ativos.

Por outro lado, também seria importante que o PPGLB tivesse uma posição clara a respeito do papel dos egressos na sua organização, no mínimo para monitorar a repercussão das pesquisas conduzidas no âmbito do programa. Assim, **sugere-se** também a criação de um processo ou protocolo de acompanhamento do desdobramento das pesquisas de egressos, centralizando-se por exemplo em um formulário a ser enviado para os egressos para comunicarem produções derivadas de sua pesquisa no PPGLB.

Essas possibilidades e outras que vão surgir ao longo da autoavaliação serviriam para mitigar os pontos negativos, apresentados neste relatório e enfatizados nesta conclusão geral, e sobretudo para fortalecer os pontos positivos. Não se imagine que, por não serem mencionados até aqui nesta conclusão, eles não tenham aparecido. Pelo contrário: ressaltou-se a excelência acadêmica de docentes, o impacto positivo de iniciativas conjuntas entre discentes, o aprendizado e o crescimento intelectual deles, a experiência transformadora que foi a pós-graduação, a descoberta de novas possibilidades de investigação em disciplinas, a qualidade das publicações, a presteza de funcionários, a completude da biblioteca, entre muitos outros pontos positivos associados ao PPGLB. Para predominar essa percepção positiva, para ela se alargar e intensificar, para ela ter uma base ainda mais sólida e duradoura, desbastada de pontos negativos – alguns inescapáveis, outros nem tanto; alguns gerais, outros específicos –, é justamente para isso tudo que serve um processo de autoavaliação como este, para o qual os egressos contribuíram com suas respostas ao questionário.